

NARCISISMO E DESAMPARO - REFLEXÕES *

MARIANGELA BENTO**

O termo Narcisismo surge na sua plenitude na obra freudiana em 1914 em virtude da necessidade de possibilitar a inclusão das manifestações psicóticas no campo psicanalítico e, a teoria da libido desenvolvida até então não permitia essa reflexão. Mas, a definição do Narcisismo na verdade não só ampliou a psicopatologia, como também criou impasses para o corpo teórico da psicanálise.

Narcisismo é definido como o complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autoconservação, ou seja, essa pulsão recebe um quantum a mais advindo da pulsão sexual, tendo esta última então o eu do sujeito como objeto. Para Freud, existe uma fase narcísica no desenvolvimento do ser humano, precedida pela fase de auto-erotismo e anterior à escolha de objeto (Freud, 1914:89). O Narcisismo pode então ser compreendido como um destino possível para a libido.

A definição corresponderia ao chamado narcisismo primário, uma concentração de libido dentro do eu. Posteriormente, na vida do sujeito, quando a libido antes dirigida para os objetos externos se retrai para o ego (então já constituído), fala-se em narcisismo secundário. Desse modo, o conceito de Narcisismo reformula o conceito de objeto em psicanálise: a idéia de que só haverá objeto após a fase de escolha objetal deixa de ter sentido, já que há escolha de objeto na fase narcísica, o objeto é o próprio eu, o objeto da fase subsequente será um objeto externo, escolha que se dará com a dissolução do Complexo de Édipo. As afecções psicóticas agora podem ser abarcadas, já que também se definem pela inexistência de contato com os objetos externos.

* Trabalho apresentado no seminário: Narcisismo e Identificação em 1999, publicado no jornal Acto Falho, São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, ano 5, nº 6, p. 6, abr. 1999.

** Mariangela Bento: Membro Efetivo do Departamento Formação em Psicanálise, Psicóloga Supervisora da Seção de Psicologia do Hospital do Servidor Público Estadual, mestranda em Psicologia Clínica/USP.

A postulação do Narcisismo coloca em evidencia a impossibilidade de sustentar o dualismo pulsional - fundamental para o pilar básico da psicanálise que é a noção de conflito - em pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, que Freud posteriormente altera para pulsão de vida e pulsão de morte. O conceito de Narcisismo aponta para uma retração da libido que não se liga a objetos, noção essa abarcada pelo conceito de pulsão de morte, a energia psíquica que não se liga.

O processo do Narcisismo - retração da libido para o ego - é um processo que faz parte de muitos quadros, nem sempre indicativos de patologia, por exemplo, o luto pela perda de um objeto amado, essa seria a característica do processo de identificação, que se define pelo retorno narcisista da escolha objetal. Desse modo, Freud aponta para a dinâmica, a mobilidade e a qualidade do processo como os indicativos de “anormalidade”.

Dessa forma, se faz possível dois tipos de escolha objetal, a saber: anaclítica ou de apoio e narcisista. A primeira diz respeito ao fato de que os objetos das pulsões do ego se tornarão objetos da libido, ou seja, esta se apóia na pulsão de autoconservação que a conduz para certo objeto, primeiramente para os pais ou substitutos. A segunda se refere a uma escolha de objeto semelhante ao sujeito, ao que foi ou desejou ser, etc (Baranger e col.,1994:19).

Recentemente, o filme “A Vida é Bela” de Roberto Benigni, ganhador do Oscar de melhor filme estrangeiro foi alvo de reflexões de estudiosos da psicanálise, por diretamente abordar o tema do narcisismo. Entre esses autores destacam-se Silvia Bleichmar e Contardo Calligaris que, em seus artigos abordam o tema a partir de pontos de vistas diferentes, respectivamente: a atitude do pai compreendida como o reflexo do amor e a proteção ao objeto amado e a mesma atitude como a proteção do pai ao próprio narcisismo.

Em um de seus livros, Bruno Bettelheim, relata sua experiência em campo de concentração e nos faz pensar a questão de modo que as posições acima referidas possam não se excluir, mas talvez se complementarem: “... a postura de negar “realidade” aos acontecimentos, extrema a ponto de ameaçar a integração do indivíduo, foi o primeiro passo para o desenvolvimento de novos mecanismos de sobrevivência no campo... a negação da realidade era mais evidente durante experiências extremas, que o prisioneiro não podia dominar de nenhuma outra forma”. Ou ainda: “... devido a algum tipo de pensamento mágico mais ou menos da seguinte espécie: se tudo ficar como era no mundo em que eu vivia, então eu também ficarei o mesmo” (Bettelheim, 1985:105).

Nesse ponto buscaremos o auxílio em outro conceito da psicanálise, o de desamparo para poder refletir sobre o narcisismo como uma forma de se defender de um estado em que as tensões são maiores do que é possível para o aparelho psíquico dominar (Laplanche e Pontalis: 1986:157). O desamparo é um estado inicial do sujeito, correlativo à dependência da mãe para a sobrevivência, que pode ser disparado novamente por situações extremas, tais como as vividas num campo de concentração.

Não seria este filme um retrato caricato e, portanto, exagerado de uma dura verdade do que ocorre a um sujeito destituído de tudo que até então lhe era familiar e lhe proporcionava a ilusória sensação de proteção; agora se vendo cruelmente diante de seu desamparo e tendo que recorrer a dar uma explicação absurda para proteger a si e ao outro, ambos objetos amados. A atitude narcísica desde esse ponto de vista parece ser uma atitude necessária para garantir o sujeito como tal, para garantir a vida, investir no eu e acreditar na veracidade dos pensamentos mágicos foi uma saída para o personagem; bem como para aqueles que de fato viveram tal situação.

A pergunta a se fazer parece ser sobre o futuro e as conseqüências desta atitude: a criança do filme teve um mestre de cerimônias para lhe explicar tudo, porém a vida é mais complicada do que isso e nem sempre haverá quem faça esse trabalho, como será que a criança fará quando estiver novamente frente a uma situação limite na qual tenha que pensar? Para essa situação, Calligaris aponta que as conseqüências deste “ato de amor” podem ser devastadoras, tanto quanto a experiência em campos de concentração. Por outro lado, em seu texto, Silvia Bleichmar nos lembra que essa experiência é limite e que, retirando o caráter da comédia, não conseguimos imaginar o quê de fato significa tal vivência extrema

para um aparelho psíquico.

Assim, o narcisismo aqui pode ser pensado como uma defesa ao caos, tal como sua função no princípio: o narcisismo organiza as pulsões parciais, dirigindo-as ao eu.

Bibliografia

1. BARANGER, W. e col. Contribuições ao Conceito de Objeto em Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
2. BETTELHEIM, Bruno. O Coração Informado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
3. BLEICHMAR, S. La razón de las víctimas. Texto de março de 1999.
4. CALLIGARIS, C. A Vida não é tão bela assim. Texto especial para a Folha de São Paulo, março de 1999.
5. FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1987. Sobre o Narcisismo: uma Introdução. v.XIV, p.85.
6. GREEN, A. Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte. São Paulo: Escuta, 1988.
7. LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J-B. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes: 1986.

Mariangela Bento - mariangelabento@uol.com.br – tel. Cons: 3872-3598